

1924 - 1927

Para estudar em Viena subi de navio pelo Danúbio. Isto durou cerca de 1 semana - rio acima - mas era bastante barato. Fiquei muito impressionado com a planície Puszta da Hungria e, claro, com Budapeste da qual, porém, quase só conseguia ver as pontes.

Como eu passava as noites geralmente no convés do navio - dormindo, devido às belas estrelas, ao chegar a Viena um dos meus olhos tinha inchado a ponto de fechar. Não me lembro das dificuldades da chegada. Tinham me abarrotado de vários endereços, entre outros de um professor da "Técnica" também originário de Siebenbürgen. Ele não estava quando o visitei, mas sua mulher, uma vienense, disse durante a conversa: "se o senhor quiser que nos entendamos bem, então não queira, por favor, logo na primeira meia hora provar que somos parentes de alguma forma". Aparentemente ela já estava assustada por outros conterrâneos de seu marido que me precederam. Deste mal de desenterrar parentescos eu não sofria. Ao contrário, em Viena, sentia-me aliviado em não mais ser necessário saber, qual é o parentesco de determinado tio e quem era casado com quem etc., exercício bastante complicado considerando-se a grande quantidade de parentes que havia. Em todo caso nunca mais fui à casa daquele professor conterrâneo, o que deve ter agradado muito a sua mulher.

Acabei por descobrir, num alojamento estudantil, uma pousada barata: dormitórios para 20 e uma grande sala de estudos. Como calouro fomos, naquela época, alvo da propaganda das representações estudantis. Creio que foi decisivo para a minha não participação naquela organização, as descrições de como "aqueles senhores já inativos" nos dariam amparo e futuro emprego para a vida profissional. Sorte que este tipo de enrolação sempre me causou horror.

O que de fato mexeu comigo foi a "liberdade acadêmica". Por não gostar do professor de matemática, simplesmente não ia às suas aulas. Resolvi então estudar no livro escrito por seu antecessor, um certo Czuber.

Pelo livro de Czuber aprendi muito, mas parece que não o correto, pois fui reprovado. O epílogo deste episódio ocorreu anos depois, mas encaixo aqui para acabar logo este caso. Muitos anos mais tarde, portanto, eu havia escrito um artigo para a ZAMM (Zeitschrift für angewandte Mathematik und Mechanik) (Revista de matemática e mecânica aplicada), que foi publicado e recebi à guisa de honorário, pois a ZAMM é distinta demais

para mexer com dinheiro, 50 impressos gratuitos. Um deles enviei para o professor Schrutka em Viena com os seguintes dizeres: "apesar de eu ter sido reprovado pelo senhor naquela época, consegui publicar este artigo na exclusiva e conhecida revista ZAMM". - sabia, o que queria dizer com "exclusiva", pois de fato minha primeira versão tinha sido devolvida pela ZAMM como pouco científica. Do professor de Viena veio inesperadamente uma resposta: "examinei os arquivos, o senhor não foi reprovado, o senhor apenas teve a menor nota, a qual seria suficiente para um exame geral, mas em provas isoladas exigiu a repetição. Aliás, sua demonstração no terceiro parágrafo do seu artigo não é nova, pois eu já a havia escrito há alguns anos...".

Já que estou nas provas, que na realidade são as partes mais excitantes do estudo, conto logo mais duas da minha carreira de estudante. O título poderia ser "os dois Müller". Bem, em Viena tínhamos um homem excelente, o conselheiro da corte - Emil Müller - professor de geometria. É plausível que naquela época ainda existissem conselheiros pois a corte imperial tinha desaparecido somente a 6 anos. Mas, o fato de ainda hoje existirem conselheiros imperiais em Viena, como me contaram recentemente, me parece um verdadeiro milagre. Ou o imperador ainda os nomeou quando eram bebês ou todos estão muito acima dos 100.

O conselheiro Müller sabia muito como facilitar, para nós calouros que ainda conhecíamos pouca matemática, o entendimento da geometria diferencial. Ela só aparece bem mais na frente, embutida numa matemática complicada. E parece que lhe dei uma boa impressão na prova oral, pois perguntou:

- O que é a medida de curvatura de Gauss de uma superfície?"
- Senhor conselheiro, infelizmente não tenho a mínima idéia".
- Que pena! Pense um pouco, tomando como ponto de partida o raio de curvatura, que o senhor já conhece..." e assim por diante. Com o auxílio do conselheiro consegui deduzir a resposta correta, sendo que na despedida ainda disse: "O Senhor obteve a nota máxima, que raramente dou".

Quatro anos depois, em Dresden, com um outro Müller, professor de construções de ferrovias, este eu detestava, também sabia pouco na prova oral, e afinal ele diz: "proponho-lhe ainda uma questão de misericórdia: quantos kg de vapor de água pode-se obter com 1 kg de carvão?" "Sr. Professor, o calor de

combustão do carvão é de cerca de 4000 calorias, o valor de evaporação da água de umas 300 calorias. Se ainda considerarmos o rendimento...". "Agora vejo que o senhor nem ao menos é burro, o problema foi esta terrível preguiça! É preciso saber que: 8 kg de vapor podem ser obtidos com 1 kg de carvão. O senhor pode ir". Reprovado! Era meu último exame, teria que me conformar com mais meio ano em Dresden para obter o certificado de Engenheiro Diplomado. Vê-se daí que, conforme a mentalidade do professor, a mesma ignorância pode levar a coisas boas ou más.

No dia seguinte a este último episódio eu perambulava tristemente pela Hohestrasse em Dresden, quando ouço gritando do outro lado da rua, o professor Beyer: "Schiel! O que é que o senhor aprontou com o colega Müller? Ele queria reprová-lo"... Salvo por Beyer!

Para mim a cidade de Viena era a segunda metrópole que havia visto, mas na primeira - Varsóvia - eu tinha estado apenas um dia, na "viagem escolar dos formandos de Kronstadt". Em Varsóvia fiquei muito impressionado com as carruagens elegantes com rodas de borracha: a gente só ouvia o trap trap dos cavalos. As carruagens de aluguel de Viena, chamadas fiaker, eram menos elegantes mas, de início, eram perigosas para mim porque em Viena, ao contrário de Kronstadt, a mão era pela esquerda. Certa vez, ao ser quase atropelado o cocheiro estacou e exclamou (com carregado sotaque): "Wanns ehna umbringen woll'n dann hängens ehna auf, aber stengens net so rum". (caso queira se matar, enforque-se, mas não fique aí parado). Evidentemente andar de fiaker era muito caro para mim; mais caro ainda, eram os auto-taxis, a grande novidade. Entre nós normalmente andava-se a pé, apesar do bonde ser barato. De maneira geral Viena era uma cidade favorável para nós estudantes sempre "duros", até porque havia muitas pessoas empobrecidas com a guerra.

Geralmente reinava harmonia entre os estudantes do alojamento. Por exemplo, os pacotes de mantimentos enviados pelos parentes eram abertos e imediatamente convidava-se os colegas para a divisão. Só um, filho de camponês, engolia suas coisas sozinho, sendo por isso castigado do seguinte modo. Acabara de se deliciar com sua provisão e, trancando seu farnel, foi-se. Um dos companheiros, que tinha um jeito especial de abrir as fechaduras dos armários, retirou o pacote de comida, esvaziou-o e substituiu por margarina já rançosa da mochila de Wessely. Este Wessely era um irmão da atriz Paula Wessely, que tornou-se muito famosa depois, e ele vivia com muita parcimônia (mar-

garina rançosa, para comer menos, etc.). Vangloriava-se das viagens à Itália, resultado das economias que podia fazer durante as férias.

Estávamos então sentados, tranqüilamente, jogando baralho, quando o filho de camponês retornou aproximando-se do seu farnel. Não conseguíamos segurar as risadas quando ele encontrou a margarina rançosa, aí ele saltou e arremessou-a em nossa direção com toda força. Agachamo-nos a tempo, a parede atrás acabou recebendo uma enorme mancha de gordura. Esta mancha, me contou alguém que retornou ao alojamento, ainda podia ser vista anos mais tarde.

Apesar das constantes economias, vivia "duro" e então trabalhava, durante as férias, como carpinteiro. Outro ganho casual existia quando nevava durante a noite. Na manhã seguinte os trilhos dos bondes tinham que ficar desobstruídos e, por isso, lá pelas 3-4 horas da madrugada, as pessoas eram empregadas para a retirada de neve com pás e a recompensa era muito boa.

Estes ganhos extras acabaram permitindo que eu saísse do alojamento de estudantes, providência extremamente necessária devido ao perigo de cair na tentação da vagabundagem. Das diversas donas de quartos alugados que se sucederam, uma delas foi original: uma ex-atriz de teatro, velhíssima, que tinha uma voz muito arranhada, de idosa. Um dia, na hora que chegava da rua, ouvi saindo do quarto dela uma voz maravilhosa, declamando Schiller com desenvoltura. Ah, ela recebeu visita de uma jovem colega, pensei. Em seguida, porém, constatei que não havia mais ninguém no quarto. Ao recordar o tempo de teatro, declamando, recuperava totalmente sua voz pura e teatral, sem rouquidão nenhuma.

Durante toda minha vida de estudante, esta dona de pensão foi a única locadora pela qual fui expulso com rescisão do contrato. Foi assim: um colega bastante limitado procurava-me, vez por outra, e ficávamos estudando a matéria para suas provas. Às vezes o estudo prolongava-se muito, noite adentro. Daí ela concluiu que éramos homossexuais. Me expulsou dizendo: "Conheço muito bem estas coisas do teatro. Não tolero em minha casa safadezas deste tipo!". Não consegui demovê-la do absurdo da sua opinião sobre nossas atividades, provavelmente, porque nunca na vida ela presenciara jovens que se juntam só para estudar.

Em Viena também aprendi a jogar bilhar. No Café que frequentávamos com regularidade, o garçom Franz nos tratava como

fregueses "da casa". Até mesmo não tendo nenhum dinheiro, permitia que sentássemos, somente com um copo de água, para ler os jornais. Décadas depois quis mostrar para a Ilse o local onde havia aprendido bilhar: ainda existia sim mas no lugar da mesa de bilhar só se viam mesinhas nas quais ficavam senhoras de idade com tortas e cafés.

No sistema de ensino da "Técnica" podia se escolher entre prestar provas isoladas feitas uma após a outra, paralelamente aos estudos, ou fazer em bloco todo os exames do período. Nas provas isoladas havia uma avaliação mais rigorosa que exigia um ponto a mais que nas provas em bloco, mesmo assim o primeiro sistema era muito mais simpático, por que possibilitava a concentração em um só assunto. Assim, lentamente, em 3, ao invés de 2 anos, consegui alcançar todas as matérias da prova intermediária do curso, chamavam-na na época de "erste Staatsprüfung" (primeira prova estadual) - inscrevendo-me em seguida para a continuação de meus estudos em Dresden. A prova foi reconhecida em Dresden com algumas restrições insignificantes. Antes de me mudar para lá quis tirar umas férias em casa. Como despedida de Viena planejamos - Moses (amigo) e eu - fazer uma excursão de montanhismo ao Grossglockner³, o que me deixava especialmente ansioso, pois eu nunca havia pisado em uma geleira. Pouco antes da partida estourou em Viena a conhecida Revolta dos Trabalhadores (1927). Estava indo ao dentista que tinha o consultório próximo ao Palácio da Justiça. Só recentemente percebi o quanto eu era ignorante naquela época, ao ler o livro "Die Fackel im Ohr" ("A Tocha no Ouvido") de Elias Canetti. Canetti tem a minha idade e, como eu, testemunhou como estudante a Revolta dos Trabalhadores em Viena. É incrível o que ele, com sua inteligência aguçada, conseguiu perceber, coisas que eu, com a mentalidade ideológica provinciana, originário de Siebenbürgen, nem sonhava. Mas só vou contar aquilo que vi.

No caminho ao dentista me pararam e disseram: "O Palácio da Justiça está em chamas!". Aflito, segui adiante e, quando me dou conta, encontro-me em uma fila de trabalhadores e à sua frente havia outra fila, esta de policiais. Os trabalhadores gritavam palavras de ordem: "cães de Schober, desgraçados". Schober era chefe de polícia de Viena. De repente os policiais avançaram com as espadas desembainhadas - acho que o cacete de borracha é

³ Grossglockner - montanha de mais de 3.700 m de altitude da Cadeia Alpina na Áustria.

invenção posterior. Pulei de lado sobre um arbusto, mesmo assim ainda recebi um golpe de espada - com o lado achatado - nas costas. Nesta altura não pensei mais no dentista mas somente no caminho para casa, este agora associado a dificuldades, pois atirava-se de todos os lados. Para me desviar dos tiros saí sorrateiro, protegendo-me atrás das colunas de propaganda. Dias mais tarde constatei, o que evidentemente me deixou alarmado, que os mesmos cilindros não só tinham orifícios de impactos de entrada como também do outro lado, de saída das balas, portanto, não representavam proteção alguma.

As origens e correlações dos acontecimentos desta revolta só vim entender através do Canetti, isto é, que o levante tinha sido a consequência de um julgamento falho. Absolvera-se grande número de policiais, acusados de maus tratos aos trabalhadores, fato que desencadeou o levante. Por alguns dias o caos dominou Viena e, como acabou ficando tarde demais para o Grossglockner, viajei para Kronstadt. Até hoje nunca pus o pé sobre uma geleira

O "lar" em Kronstadt, evidentemente, não existia mais. A mãe morava em uma casinha em Buchten, acho que com a Lene. Os outros irmãos estavam espalhados pelo mundo. Em Buchten me entusiasmei com as montanhas próximas e já no segundo dia subi correndo da altitude de 800 m (Buchten) a 2300m do nível do mar (para um dos cumes da cadeia montanhosa de Butchetch), estando de volta à casa na hora do almoço. Resultado: uma dor muscular tão forte, que não pude sair de casa por 3 dias, pois os 3 degraus da saída da casa transformaram-se em uma barreira intransponível. Não lembro mais o que fazia além de escalar montanhas.

1927 - 1932

Em Dresden o primo Carolus era estudante do final do curso de Química. Foi dele que herdei o quarto na casa da Sra. "Oberpostrat" (Superior Conselheira do Correio) - Stein - aparentemente viúva de um funcionário alemão. Ela vinha da Austrália e falava alemão com sotaque. Quando estava de bom humor, permitia que seu gato Tommy nos visitasse. Ao ouvir que os amigos me chamavam de "Miu", repetia em inglês saindo então "Maiao".

Ricki também era estudante em Freiburg, muito próximo a Dresden e, no início das primeiras férias, ele explicou "vou para Londres a fim de aprender inglês". Tinha uma polpuda mesada do seu rico pai. Seus relatos posteriores eram lindos. Não conhecia nenhuma palavra inglesa e, de início, espantou-se, ao ouvir a língua, como eram longas as palavras, até perceber que o que ouvia eram frases inteiras. Certa vez quis ir de Metrô a um determinado lugar, aguardou até o nome da estação aparecer no painel luminoso e embarcou. Não conseguia descer na estação desejada, mesmo após várias tentativas. Afinal começou a entender: "este trem não pára na estação tal e tal" eram os dizeres do aviso luminoso. Mais tarde Ricki conseguiu aprender bem o inglês chegando a trabalhar por um tempo nos EUA. Mais uma estória curiosa do Ricki: Neste tempo difundiu-se o rádio e o Ricki fez manualmente um aparelho com fones de ouvido. Este aparelho levou consigo em uma aula cujo tema era a "determinação astronômica do tempo" e cujo final estava previsto para a 1 hora da tarde. Ele pediu ao professor "por favor coloque estes fones de ouvido". Era exatamente 1 hora e o professor entusiasmou-se: "mas este é o marcador de tempo de Nauen..." -partindo da costa alemã do Mar do Norte enviava-se um sinal de rádio periódico, que orientava a navegação marítima. No fim da demonstração Ricki veio com essa: "Sr. Professor, então, qual a finalidade de estudarmos a obtenção astronômica do tempo, hem?"

Na Faculdade a matéria mais temida era a Estática, ministrada por um professor simpático, sem talento pedagógico mas de fama no mundo científico - o prof. Kurt Beyer. Devido às diferenças nos currículos escolares, tive a grande sorte de ter freqüentado um curso em Viena sobre "Introdução à estática" sendo, portanto, um dos poucos da turma a conseguir entender a aula do Prof. Beyer. Este já se acostumara a que toda hora eu levantasse o dedo para fazer objeções. Na última aula cometeu um pequeno erro mas que alterava o sentido do assunto e, protestei sem, contudo, conseguir freá-lo, pois o objetivo

era terminar a matéria antes das férias. Com meus protestos constantes ele acabou dizendo: "procure-me depois na minha sala". Aí tendo insistido em provocar o comentário, ele disse "cale a boca", pegou o giz e começou a calcular no seu quadro particular. E afinal falou "Você tem razão! O pior é que agora os seus colegas irão sair de férias com o resultado errado. Eu disse então "Não se preocupe professor, eles não vão nem olhar o caderno nas férias". "Ah nisso o Sr. tem razão. O que o Sr. fará agora nas férias?" "Vou ganhar dinheiro". Em seguida após escrever algumas palavras num cartão de visitas, falou: "Vá amanhã à obra da construção da Estação de bombas Niederwarta e procure o engenheiro-chefe". Foi o trabalho de férias mais bem remunerado de toda a carreira estudantil. Já contei como foi que este Prof. Beyer me salvou junto ao professor de construções ferroviárias.

Em Dresden só joguei bilhar uma vez e, nesta ocasião, constatei que a hora custava exatamente o dobro da hora em Viena. Só 60 anos mais tarde voltei a jogar, em São Carlos.

Meu quarto na casa da Sra. "conselheira dos Correios" era bem chique, mas caro demais para mim. Havia muitos melros no jardim que aprenderam, em curto espaço de tempo, o assobio com o qual os colegas se anunciavam quando queriam me visitar e me chamar à janela, a ponto de eu frequentemente confundir os melros com os visitantes. Isto até que seria suportável, mas o elevado valor do aluguel não.

O quarto seguinte na Werderstrasse teve um papel decisivo na minha vida e, por isso, vou contar de maneira um pouco mais detalhada, como foi que o aluguei. Ao negociar o novo quarto, é claro que eu não fazia idéia de que, no cômodo contíguo, encontrava-se o cadáver da empregada, cujo suicídio ocorrera no dia anterior. Por este motivo, a dona da casa, conhecida por todos como Mami, tinha interesse em conseguir o mais rapidamente possível outro inquilino que não soubesse nada do suicídio. A proposta foi muito barata, portanto fiquei com o quarto. Ao arrumar meus apetrechos no quarto, aconteceu algo curioso. Eu estava com uma mão machucada e enfaixada, bati no machucado soltando um palavrão húngaro imenso e sonoro. Mami não tinha nem idéia do hábito de soltar palavrões quando nos machucamos e, sabendo que estava sozinho no quarto, disse para suas filhas "agora o novo inquilino está ficando louco! Corram à porta de entrada, para podermos fugir, se necessário.

Logo se estabeleceu um relacionamento bastante caloroso com Mami e as filhas, Ilse (17) e Ruth (14). Eu dava aulas de piano para as duas meninas e, quando faltava dinheiro, ficava devendo o aluguel sem problema. Como o apartamento da Mami era térreo, uma parte do jardim era de seu uso e era lá que podia reunir os amigos para um café.

Certo dia quando ajudava a pegar carvão do porão, descobri uma grade contendo inúmeras garrafas de vinho. Estas tinham sido do finado marido da Mami e via-se daí que, como dono de um haras conceituado, dirigira uma casa de vida social intensa. Este vinho abasteceu inúmeras festas inesquecíveis que fizemos. Eu, porém, burro demais para perceber que eram vinhos de qualidade, elaborava prosaicos ponches o que representava, certamente, um desperdício.

Além dos conterrâneos que me visitavam, aparecia com frequência outro colega, o Nicolai Ewers. Juntamente com seus pais, que não viviam mais, fugira da revolução bolchevista na Rússia, através da Romênia, para a Alemanha. Seu principal meio de vida era o jogo de bridge. Por exemplo, certa vez ele passou em casa à tarde e disse "Schiel, me empresta 5 marcos". "Mas ao todo só tenho 5 marcos" "Não se preocupe, empreste-me os só até amanhã. Se depois você precisar de algo, não haverá problema". Lá se foi com meus 5 marcos ao Café Hülfert, sendo logo monopolizado pelos grandes comerciantes de tabaco gregos, fregueses habituais dali, que iniciaram imediatamente o jogo de bridge. Pelo visto ganhava sempre pois, no dia seguinte, eu é que pude lhe pedir dinheiro emprestado.

Ewers terminou seus estudos um pouco mais cedo que eu. E seu trabalho de diplomação foi auxiliado por todos os amigos, prática evidentemente proibida pelos regulamentos da faculdade. Na verdade era superior a todos nós, não carecendo de nenhum reforço, o problema dele era o prazo. Tinha ele que projetar uma oficina para bondes e, ao ler o texto já pronto, observei: "Mas faltam ainda as fundações". Isto não seria um problema maior, achou, acrescentando ao texto a frase: "toda a obra apoiar-se-á sobre estacas". Apesar de tudo o Ewers recebeu uma boa nota.

Em Dresden eu tinha uma namorada que me visitava regularmente, o que não agradava nada à Ilse, pois estava apaixonada por mim. Certo dia, a namorada estava comigo e eu quis fazer um jantar e coloquei água para ferver na cozinha, para fazer chá. Ilse tomou a decisão de nos salgar a vida pois, enquanto me ausentei, acrescentou sal à água do chá. Não se pode

imaginar a raiva por causa da Ilse! Apesar deste episódio, acabei casando com ela, 4 anos mais tarde.

Na casa de Mami eu ocupava o quarto menor, portanto, mais barato. No quarto maior havia um grande armário de vidro que continha todos os troféus de hipismo com os quais a Mami e seu marido tinham sido laureados. Achava curioso que a honra do vencedor caía sobre o cavalo e não os cavaleiros. Lia-se sobre uma tigela toda decorada: "ao cavaleiro do vencedor". No dia em que este quarto maior ficou livre, Mami colocou uma tabuleta na janela com os dizeres "aluga-se quarto para senhor distinto" onde imagino que 'distinto' deve ter significado uma indicação do preço do aluguel do quarto. Freqüentemente ela tinha como inquilinos os comerciantes de tabaco gregos, que pertenciam ao grupinho do bridge, no qual Ewers ganhava o seu dinheiro.

Mami vivia de costurar gravatas como trabalho doméstico e dos aluguéis, mas muitas vezes não dava. Aí a solução era levar algum dos troféus à casa de penhores que muitas vezes não eram mais resgatados. Eu, na situação de eterno "duro", encaixava-me muito bem no ambiente da Mami. Por exemplo, só tinha um casacão (trenchcoat) que usava com cinto no inverno ou sem cinto no verão. Alguém que me visitou fez chegar aos ouvidos de minha mãe esta situação, ela então enviou um dinheiro extra para um bom mantô. Fiquei feliz em poder pagar dívidas com o dinheiro. Pouco depois tive que ir à igreja, ao matrimônio de um conhecido, e achei meu trenchcoat pouco apropriado para a ocasião pois era época de inverno. Então meu amigo Kofa, que sempre deu valor à boa aparência, emprestou-me seu mantô de inverno. Fizemos várias fotos do casamento, que enviei para minha mãe. Logo em seguida chegou uma carta "fiquei feliz por você ter comprado um mantô tão bonito". A mentira jamais teria emergido pois o Kofa, que terminou os estudos bem antes, deixou seu mantô por um preço camarada. Por infelicidade, minha irmã Miko visitou-me pouco antes de meu retorno para minha terra e, sem necessidade, esclareceu esta história.

É claro que o piano da Mami foi importante para mim. Tenho gratas lembranças dos momentos que tocamos, eu e o Ewers, a quatro mãos. Ele tocava muito bem a ponto de, vez por outra, ganhar seu dinheiro como pianista de bar. Tenho a sensação de ainda poder ouvir trechos de sinfonias de Haydn tocadas a 4 mãos com Ewers.

1932 - 1939

Bem, o estudo terminou e voltei para casa - não para Buchten mas sim Kronstadt onde agora a mãe tinha casa própria, que habitava com Lene. Neste tempo falecera uma amiga distante da mãe - Julie Giesel - apelidada de Tinti que, por superstição, jamais fizera seu testamento. Na falta de parentes mais próximos a casa recaiu para a mãe. Tinti era uma velha solteirona - outrora cantora, e tinha uma especial predileção por crianças pequenas. Primeiro sua paixão foi a Grete, depois, tudo indica que era eu que deveria substituí-la. Aos 5 anos de idade, pediram-me que morasse alguns dias com ela. Na casa dela fui extremamente mimado o que não me agradava. Recebi como leito uma cama extraordinariamente macia com grossos cobertores de pena de ganso. O resultado da desacostumada maciez e do agradável calor foi um belo xixi na cama, provavelmente estragando o cobertor de penas para sempre. Depois dessa única noite me devolveram para a mãe e nunca mais fui convidado pela Tinti.

Mais uma estória de Tinti: Tinti sentiu um mal estar, e acreditava poder se curar com o remédio conhecido por "Tausendguldenkraut" (erva dos mil Gulden). Sem falar bem o Húngaro pediu a sua empregada que fosse comprar "ezer forint ért cáposta" o que significa "por mil Gulden o chucrute (=Sauerkraut)". Não bastasse isso, a empregada errou o caminho da farmácia e acabou por bater à porta do barbeiro. Este, não entendendo nada, de brincadeira, embrulhou cuidadosamente um chumaço de cabelos, entregando-os a ela sem cobrar nada. Ao voltar para casa a Tinti brigou por ela não ter ido à farmácia, descarregou em húngaro capenga, trocando as palavras "vagy" (= você é), por "vagyok" (= eu sou). A empregada, arregalou os olhos espantada enquanto ouvia a patroa gritar: "sou uma idiota! sou uma burra!"

Esta casa da mãe era bastante singular. Dizia-se que foi uma das poucas casas que sobreviveu intacta ao grande incêndio em Kronstadt do século 17. Este incêndio, no qual também a igreja ficou preta - daí "Schwarze Kirche" (Igreja Negra) - aconteceu numa época em que tropas austríacas estavam estacionadas na cidade para reprimir um levante, dizem até que foram as próprias tropas que atearam o fogo. Tanto quanto me lembro - mas nunca fui bom em História da minha terra - o conflito, que ocorreu no tempo da contra-reforma, se relaciona com o fato de os saxões de Siebenbürgen, para aborrecimento da casa

imperial católica, terem se convertido ao luteranismo evangélico. Certamente nem todos participaram da reforma, introduzida na minha terra pelo grande humanista Honterus, aluno de Lutero mas, curiosamente, depois quase não havia mais saxões de Siebenbürgen que não fossem luteranos -aqueles acabaram sendo absorvidos pela cultura católica do entorno húngaro.

A casa da mãe ficava na rua Rossmarkt n°6, perto da Igreja Negra. Em romeno Rossmarkt (mercado de cavalos) era Târgul Cailor mas, aparentemente, nomes tradicionais não agradavam aos novos donos do poder. Era preciso substituí-los por nomes com algum referencial político. Assim a rua foi rebatizada para rua Gheorghe Baritiu. Esse hábito de trocar nomes consagrados por nomes políticos atuais, parece ser mania francesa. Em Paris surpreende a quantidade de nomes que se referem a acontecimentos que já não fazem mais nenhum sentido.

Voltemos à casa da mãe: no térreo havia, do lado da rua, uma quitanda e atrás dela dois cômodos. O pavimento não era constituído dos atuais piso-e-forro, mas sim, feito com abóbas de alvenaria. Tanto quanto me lembro, no primeiro andar encontravam-se dois quartos, a cozinha e um banheiro.

O pátio estreito da casa atingia a muralha medieval da cidade. Subia-se alguns degraus até alcançar a crista do muro, que tinha sido alargada para formar um delicado jardim, no qual por diversas vezes fizemos bonitas festas. Mais tarde a casa foi desapropriada pelo regime comunista e, se nós irmãos não tivéssemos requerido reparação de bens na Alemanha, sendo que para mim foram desembolsados DM 6.000, agora eu ainda teria direito à casa.

Porém, eu não podia me perder em romantismos caseiros, neste tempo tive que considerar minhas obrigações com o serviço militar que, até então, conseguira empurrar, ano após ano, com o argumento dos estudos superiores. Provavelmente este ano "perdido" no serviço militar teria de passá-lo em algum serviço de tropa empedernido pois, entre as autoridades militares havia uma diretriz secreta de que as minorias - alemães, judeus, húngaros, e, e... deveriam ficar distanciados da carreira de oficial vez que os romenos temiam que, devido ao maior número de pessoas com formação superior entre as minorias, surgisse um desequilíbrio nas reservas de oficiais a favor das minorias. Havia, portanto, uma determinação secreta para simplesmente reprovar os candidatos não-romenos na prova de seleção. Claro que este fato não era conhecido, senão os órgãos internacionais teriam protestado.

Eu temia a maçada de agüentar um ano de serviço militar na tropa, inscrevendo-me na Escola de Oficias, mas consultei para isso o meu cunhado Heinz em Bucareste, que tinha lá uma fábrica de champanhe e comércio de vinhos. Heinz me disse: "Não tem problema algum! Um dos meus fornecedores de uvas é o Marechal Prezan, que possui grandes propriedades vinícolas, vou falar com ele. Como só existem 3 marechais em toda Romênia, sua palavra certamente terá grande influência".

Portanto me apresentei na prova de seleção para a Escola Técnica de Oficiais da Reserva de Bucareste. A prova era escrita, ainda não sabia muito bem a língua, só consegui escrever 4 linhas e muita bobagem. O resultado foi afixado em 3 listas: os da primeira lista tinham passado, os da segunda eram casos dúbios que teriam que se submeter ainda a uma prova oral, os da terceira eram os reprovados que podiam voltar para casa. Eu me encontrava na primeira. Suponho que os examinadores tenham recebido ordens do Marechal Prezan para me aprovar, mas temiam me colocar na lista dos candidatos à prova oral, pois ficaria evidente a mutreta.

Antes de começar a falar do meu serviço militar, ainda queria mencionar um curto episódio no qual o Heinz, igualmente prestou uma ajuda providencial. É que eu tinha alguns meses de tempo ocioso antes de ingressar na Escola de Oficiais e como era impossível conseguir um emprego de engenheiro por 3-4 meses, o amigo de Heinz - Sr. Titscher ofereceu-me uma atividade temporária. Ele era representante de uma firma vienense que vendia material isolante na Romênia - envólucros térmicos para tubulações de água quente e coisas do gênero. O Sr. Titscher me disse "eu tenho um comprador de material que me engana de todas as maneiras. Nos 3 anos que trabalha para mim, ele já me desfalcou a ponto de construir uma casa própria. Se o Sr. quiser pode trabalhar como comprador por alguns meses". Este trabalho não era bem da área da engenharia, mas aceitei. Tinha, portanto, que visitar, em Bucareste, as diversas obras de Titscher, anotar as necessidades dos montadores e providenciar o material - pregos, arame, etc. Depois de algum tempo o Titscher se reuniu comigo afim de fazer um balanço das economias resultantes do fato de não ter mais um comprador malandro. O resultado foi fulminante para mim: o meu predecessor tinha tanta habilidade nas negociações ao comprar que, apesar do roubo, era mais vantajoso para o Titscher ocupá-lo do que a mim. Deste episódio tirei uma lição que mantive por toda minha vida, qual seja, jamais basear minha vida nos negócios.

Neste meio tempo, a espera tinha transcorrido e ingressei na Escola de Oficiais. Para mim foi muito interessante o contato com a camada social superior romena. Em Kronstadt eu só conhecia romenos como diaristas ou operários modestos. Entre os meus colegas na Escola de Oficiais, pelo contrário, havia um filho de ministro, filhos de industriais e de pessoas importantes de Bucareste. Percebi, ao fazermos as camas no quartel, que estes jovens também eram cultos, pois um colega gritou comigo: "você alemão dos infernos tem culpa por eu ter que fazer esta besteira! Seu rei prussiano, o Friedrich Wilhelm foi quem inventou esta coisa ridícula" (ou seja, arrumar camas).

Bem, inicialmente morávamos em casa (eu na casa do Heinzen) e só íamos ao quartel a serviço; mas aí ocorreu um assassinato político em Bucareste e um aluno uniformizado comentou publicamente de forma comprometedor, em consequência, ordenou-se que os alunos oficiais teriam que ficar aquartelados. Os dormitórios eram para cerca de 30 pessoas e, a partir das 9 horas da noite,

imperava a ordem de silêncio, controlada por um plantão que subia e descia a noite toda. Na cama ao lado dormia o Crocodilu (apelido) que também se interessava por xadrez. O comando de silêncio não agradava e tentávamos então o xadrez cego, mas ambos tínhamos dificuldade. Depois de poucas jogadas acontecia que, após um movimento sussurrado, o outro diz: "isto não pode, nesta posição está o teu próprio bispo". "não senhor!, acabei de deslocá-lo na jogada anterior" etc., falando cada vez mais alto, até o plantonista chegar correndo para nos advertir. Nunca conseguimos jogar uma partida de xadrez cego inteira.

A falta do domínio da língua levava a situações engraçadas. Por exemplo, roubaram meu cobertor mas só fui fazer a queixa dois dias depois. Aí me perguntaram (naturalmente em romeno) "porquê você não disse logo?" Como eu não conseguia formular a resposta o camarada, que estava de pé atrás de mim, sussurrou "findcă am fost freier", o que repeti inocentemente sem imaginar que significava, mais ou menos, "porque sou uma besta". Outra bobagem fiz quando treinávamos como dar comandos. Tinha que dizer: "o grupo chegou com 2 graduados e 17 homens" mas disse, "două gradati", vindo a resposta descarada "aqui não tem mulher não!" É que eu não tinha a malícia de saber que o número 2 não é, como no alemão, sem gênero. Deveria ter dito "doi gradati" para que não pudessem ser mulheres.

A escola que eu freqüentava era de oficiais técnicos e a maioria dos colegas era de estudantes do ramo da engenharia. Nossos professores eram qualificados e as aulas, em sua maioria, boas. Na matéria "História da Guerra" aprendi, por exemplo, a verdadeira versão da batalha de Marne na 1ª guerra mundial, que nos relatos de língua alemã só é abordada de forma incompleta, enfatizando, exclusivamente, a ineficiência do comandante-em-chefe alemão Moltke (neto do famoso Moltke da guerra franco-alemã de 1871) como principal causa daquela derrota, afinal, decisiva. Conto aqui o que o capitão de história em Bucareste nos explicou. A França, nas primeiras semanas de guerra, estava em uma situação crítica, recorrendo às últimas reservas. Foi nomeado o comandante de Paris, um general já aposentado, cujo nome infelizmente não recordo. Com base nas notícias alarmantes sentou-se num avião e fez um levantamento da situação. Nesta ocasião (início da guerra) ainda não se tinha consciência da importância estratégica dos aviões na guerra. Poucas semanas mais tarde o general certamente teria sido abatido, mas desta feita nada sofreu. Pôde então observar que entre dois dos seis exércitos alemães que avançavam, formara-se enorme lacuna e seus pensamentos teriam sido "se for possível penetrar por essa lacuna, o avanço alemão pode ser freado". Confiscou todos os ônibus de Paris, meteu dentro tudo que é de soldado que encontrou, até semicurados dos hospitais de campanha, e com estes avançou para dentro da lacuna. Confundido pelas notícias contraditórias procedentes do front, Moltke estacou a ofensiva e se iniciou a guerra de trincheiras. O comandante urbano de Paris recebeu a mais alta honraria militar da França. Agora, acredito que se Moltke, grande pianista amador que era, a ponto de levar seu piano de cauda ao quartel general, tivesse igualmente tomado um avião em vez de tocar piano, o resultado não teria sido uma simples ordem para interromper o avanço - a batalha de Marne, e com ela a primeira guerra mundial, teriam tomado outro rumo. Pode-se pensar a respeito de como tudo continuaria mas especulações assim não fazem sentido.

Claro que nem todos os professores da Escola de Oficiais eram bons como, por exemplo, certa vez que deveríamos fazer um trabalho escrito de topografia. Logo eu e os outros 3 dentre os camaradas, que eramos engenheiros formados, recebemos uma nota baixa. Acontece que o professor cometera alguns enganos na sua explanação que nós engenheiros percebemos, evitando-os na prova, ao passo que os demais recitaram impensadamente as bobagens. Contudo, mediante a nossa reclamação, o resultado da prova foi anulado.

Uma das matérias era "Tática", e eu estava desesperado ao fazer um trabalho pois faltavam-me as expressões romenas apropriadas. Então com meus lápis de cor elaborei uma imagem maravilhoso com setas que apontavam a direção dos ataques, desenvolvi bonito símbolos para indicar o posicionamento das metralhadoras e das baterias de artilharia, economizando ao máximo as palavras para não me expor de forma alguma. No dia da devolução com comentários e nota eu aguardava, com temor, a hora de chegar a vez do meu trabalho, mas não veio. Finalmente chegando ao último caderno disse o capitão: "guardei este trabalho para o fim. Um excelente exemplo de militarismo suscitado!" (= brevitare militara). Mais tarde ele me chamou para a sua sala e me perguntou se eu não gostaria de deixar a escola da reserva para entrar na escola de oficiais da ativa podendo então fazer a carreira militar já que eu demonstrara um talento evidente. Respondi então que estava com 27 anos, devido aos longos anos de estudos, e perguntei-lhe qual seria meu nível agora, caso tivesse ingressado imediatamente na escola de oficiais ativos, em vez de estudar. "Você seria capitão, como eu" disse ele, aí propus, atrevido: "se pudesse ingressar já como capitão, eu viria", sendo aí expulso com grande alarde: "Xô! Saia antes que vá te punir por desacato!" gritou o capitão, às gargalhadas.

Certa feita, ao nos apresentarmos para o almoço, notei que se varria intensamente um mesmo ponto do assoalho do refeitório, sem imaginar o que viria. Aí entraram, curvados pelo peso, dois auxiliares da cozinha, que carregavam uma enorme caldeira pendurada em um pau. Emborcaram-na no local onde estava varrido - era o que nós em Siebenbürgen chamávamos de "palukes" (uma polenta), em romeno "mamaliga", o prato nacional romeno. O porquê desse alimento não ser muito apreciado na Alemanha, vim a perceber (mais tarde) na guerra. Na época dos cartões de racionamento, acrescentaram, aos mantimentos disponíveis, um saco de fubá, aí uma dona de casa alemã indignou-se: "Até ração de galinha estamos recebendo agora, porque nada mais tem!". Ao contrário, para mim a farinha de milho fora um autêntico achado, com todas aquelas variações de preparo que nós de Siebenbürgen conhecíamos. O "Palukes" pode ser preparado de duas maneiras, mexendo-se durante o cozimento, quando permanece com consistência de mingau, ou cozinhando-se sem mexer. Claro que foi desta segunda maneira que fizeram no quartel. Resultou numa montanha amarela da altura de um metro do chão da qual cada um cortava seu pedaço a gosto.

Também o manuseio de material explosivo foi objeto de exercícios militares e tínhamos que destruir partes de pontes

que, aliás, já estavam derrubadas. Como fazia parte do regimento de trens, também tive que manejar a válvula de vapor na cabine da locomotiva e assim regular a velocidade do trem. Os passageiros não perceberam que a sua segurança estava nas mãos de um leigo.

Ao final da nossa formação militar estava programada uma manobra. Consistia em sermos transferidos para as proximidades do Mar Negro. O que foi feito lá de manobras militares, com a supervisão de dois tenentes, não me recordo. O que ficou gravado, foi o que aprontamos. Por exemplo, convidamos os nossos chefes - dois tenentes, para observar a troca de guarda, para o que fomos treinados. Fazíamos todos os movimentos: "sentido!", "marchar!", "continência!" etc., só que inteiramente nus, usando apenas botas e cinturão, engraçadíssimo!

As manobras ocorriam durante a semana, aos domingos havia folga. A cidade portuária mundana de Constanza ficava nas proximidades, portanto íamos para lá. Havia um cassino com roletas, que despertou o interesse de muitos. Como todos camaradas eram engenheiros ou estudantes de engenharia e sabiam matemática, apreciava-se muito fazer teorias matemáticas sobre jogos durante a semana para testá-las aos domingos. A distribuição dos papéis era a seguinte: os outros faziam a teoria e eu provava porque elas não podiam funcionar. No domingo, enfim, viajávamos para Constanza e, quase sempre, perdíamos todos, inclusive eu.

Dois camaradas especialmente sabidos compraram papel colorido em Constanza, fabricaram emblemas militares e se fantasiaram, um de capitão e outro de major. À noite, enquanto nossos protetores, os dois tenentes, tranqüilamente jogavam baralho, a dupla repentinamente entrou no recinto. Um dos tenentes achando que aquilo fosse um controle surpresa de seus superiores, saltou da cadeira fazendo continência e só percebeu a situação com a gargalhada de seu colega. A raiva de ter sido enganado pelos dois malfeitores foi tanta que, só por muita insistência do colega, pôde ser demovido da idéia de denunciar os nossos camaradas como transgressores da graduação militar.

Portanto, após um ano de serviço militar e de um exame final, recebi minha dispensa na condição de Real Tenente da Reserva Romena. Agradeço à providência por nunca ter tido necessidade de desempenhar esta profissão! Antes de voltar para casa ainda pude fazer um favor ao Heinz. Ele precisava de uma planta exata do terreno de sua indústria, a adega. Como lá eu não possuía qualquer instrumento de medição a não ser um goniômetro de espelho, fiquei feliz ao descobrir um teodolito,

precisamente o chamado "teodolito de minas" (Grubentheodolit), que media a direção com o auxílio de uma bússola magnética precisa. Fiz as medições durante dois dias, depois me sentei no escritório, apressado para transformar as medições numa bela Planta de Situação. Para meu desespero nada se encaixava, então concluí que a bobagem que fizera, foi a seguinte: em uma das extremidades do terreno medido passava um trilho de trem e exatamente era o canto de uma das minhas posições do teodolito. Devido à consistência metálica dos trilhos, a bússola magnética era afetada, fornecendo direções erradas. Com novas medições feitas a partir de outras posições do teodolito, deslindei o problema e este erro serviu como uma boa lição.

Enfim, viajei para casa e obtive um emprego em Kronstadt como engenheiro topógrafo na firma Svenska Vågaktiebolaget - espero ter escrito corretamente o nome suéco da Weg Sociedade Anônima. Ocupava-me aí com o novo traçado e restauração da estrada de Kronstadt para Bukarest. Meu chefe era um sueco, Sr, Gyllensten. Toda vez que era preenchido com terra um novo trecho da construção que eu tinha dimensionado e antes que se colocasse a camada de asfalto, aparecia o Sr. Gyllensten e, à guisa de teste, dirigia por um trecho da estrada. Aí comentava: "aumente mais 10cm a compensação da curva!". "Mas estou estritamente dentro das normas", "pode até ser, mas sinto aqui que ainda falta um pouco". O Sr. Gyllensten era exageradamente gordo e, ao fazer o teste dirigindo no trecho novo, suas medições particulares eram baseadas em quanto se deslocava nas curvas, lateralmente, a sua bunda descomunal.

A atividade de engenheiro topógrafo em estradas é, a meu ver, uma dos mais belos trabalhos da engenharia, por dois motivos: 1º) Trabalha-se sempre ao ar livre. 2º) Não se está limitado a dar ordens, atua-se diretamente com os instrumentos de medição. Evidentemente, vez por outra, surgem eventos não previstos. Por exemplo, me recordo que certa vez entrei em desespero porque as alturas das estacas que eu precisava para determinar com precisão os níveis da estrada, acertadas milimetricamente no dia anterior, de repente não conferiam. Afinal, descobriu-se que à noitinha uma família de excursionistas, na melhor das intenções, surpreendera um grupo de ciganos que extraía as estacas para fazer a sua janta. Os benevolentes andarilhos espantaram os ciganos e, com grande senso de ordem, devolveram as estacas aos seus furos originais. Claro está que aí as alturas das estacas não eram mais aquelas que eu tinha determinado e cadastrado.

Também foi nesta época que se desenrolaram os idílios com Ada, aquela que fora minha colega de classe. Ela estava em Sieben-

bürgen, passando férias, na casa de veraneio de sua mãe, a qual se encontrava próximo ao local dos meus serviços de topografia. Nos dávamos muito bem, o fato de nossa correspondência Ter, posteriormente, adormecido se deveu à GESTAPO, a polícia secreta alemã, que violava minhas cartas a ponto de Ada ter sido chamada a depor na GESTAPO, para prestar esclarecimentos sobre mim, o perigoso estrangeiro.

O emprego na Svenska eu sempre havia encarado como algo provisório e fiquei feliz em poder me abrigar na construtora Wildmann, em Kronstadt. O sr. Wildmann era um dos mais ricos de Kronstadt. Seu sucesso deveu-se ao fato de ele ter conseguido empregar engenheiros excelentes. Havia aí um suíço, o sr. Mollet, que se ocupava de todo o cálculo de Estática. Vi um dia ele escrevendo as iniciais "P P" sobre as planta do projeto que havia sido modificado. "Que significa?" perguntei, ao que me instruiu: "Este desenho foi *para o gato* e aí escrevo em romeno Pentru (= para), Pisica (= o gato)". Claro está que em romeno não existe esta expressão. ⁴

O sr. Wildmann só aparecia duas vezes por semana no escritório da construtora onde, além do Sr. Mollet, ficava um desenhista e eu. O sr. Mollet tinha em sua gaveta uma revista ilustrada e cada vez que o sr. Wildmann se anunciava, fazia questão de se acomodar confortavelmente e punha-se a ler, como demonstração de que não temia o chefe. Após a saída do Wildmann, retomava o trabalho, com freqüência bastante intensivo.

Por ocasião de uma concorrência pública para uma laje cogumelo de concreto armado, a nossa oferta foi de longe a mais baixa e recebemos então o contrato. Dei uma espiada em algumas partes do projeto, feito por Mollet e, perfazendo alguns cálculos, disse-lhe: "pela norma DIN a espessura está muito abaixo do previsto, agora entendo porque o projeto ficou tão em conta." Pelo fato de, naquela época, não existirem ainda normas para concreto na Romênia, o costume era calcular segundo a norma alemã. Mollet respondeu: "É claro, mas quem nos obriga a usar a norma alemã? Descobri que a norma francesa para lajes cogumelo é mais generosa que a alemã; o que fica em pé na França também ficará na Romênia. Sabe, se Deus todo poderoso tivesse feito o mundo pela norma alemã, seria obrigado a fazê-lo de ferro fundido."

4) "para o gato" em alemão se usa com freqüência para designar algo sem valor, sem serventia alguma, "pra nada!"

Para mim o colega mais importante foi o sr. Klöckner, com quem eu, como principiante, aprendi muito. Cuidava de várias obras no distrito industrial romeno perto de Petrosen (pronuncia-se Petrochén) - situado em Siebenbürgen ocidental e fui designado a trabalhar com ele. Ali havia, sob os auspícios de um empreendimento governamental, uma série de instalações industriais - minas de carvão, fundições, instalações industriais diversas. Pode-se considerar a firma Wildmann como a construtora já estabelecida naquele empreendimento. Mesmo assim, para novos projetos era preciso fazer as licitações e tínhamos que encaminhar nossos orçamentos. Para determinada obra projetada, o sr. Klöckner elaborara a proposta. Examinei o texto e, com meus conhecimentos recém-adquiridos sobre preços, cheguei a um resultado assustador: "Sr. Klöckner, se recebermos o dinheiro previsto para esta obra, arcaremos com uma diferença terrível". "Deixe isto comigo!" Na concorrência a empresa Wildmann foi, de longe, a mais baixa, recebendo o contrato. Não entramos em falência, pelo contrário, graças à espartezza de Klöckner, fizemos um excelente negócio. É que os custos totais da obra eram calculados baseados em um impresso confeccionado pelo engenheiro do empreendimento governamental, onde já constavam os quantitativos, por exemplo tantos m³ de escavações, tantos disto, tantos daquilo, etc. Nossa tarefa era simplesmente entrar com os preços unitários, multiplicar pelos quantitativos preestabelecidos e somar. Klöckner imediatamente percebeu que o impresso recebido tinha sido feito de forma relaxada. Sempre que a expectativa era de maiores quantitativos na obra que nas previsões, colocava preços unitários altos, e vice versa. Assim chegou-se a um total aparentemente mais baixo na proposta. Só que a soma a pagar de fato, após o serviço medido na obra, acabou sendo mais alta.

Aconteceu de Klöckner ter que viajar e, logo no primeiro dia de sua ausência, me procurou o engenheiro de obras, contando que acabou de receber a notícia da Alemanha de que a máquina injetora para a fundição acabara de partir. Portanto era preciso imediatamente iniciar suas fundações. Como eu sabia que naquele local o lençol freático era bastante alto, elaborei um projeto em que a fundação seria executada dentro uma "concha" feita de concreto armado e ainda impermeabilizada com asfalto. Na volta do Klöckner a proteção estava pronta e ouvi o seguinte: "O senhor está louco? Como pode saber que isto está de fato impermeável? Simplesmente um trabalhador deixa cair um martelo e surgirá uma fissura qualquer que nunca ninguém descobriria. Este tipo de coisa deve ser feito por firmas especializadas para que a responsabilidade financeira recaia sobre elas, em caso de algum problema". Mas a obra continuava

e, dito e feito, brotou água na minha impermeabilização. Klöckner ridicularizava: "Olha aí a nascente do Schiel ...", pois nas proximidades corria um rio com nome cuja pronuncia lembrava o "Schiel". Para que as fundações da injetora da futura fundição de aço pudessem permanecer secas, o Klöckner simplesmente fez um poço ao lado e colocou uma bomba que, conforme o nível subia, de tempos em tempos, era acionada para esgotar a água do lençol freático.

Certo dia eu disse para o sr. Klöckner: "O Sr. sabia que nosso mestre-de-obras romeno está desviando cimento para fazer sua casa?" Resposta: "Claro que já tinha percebido. Antes eu tinha um mestre saxônio honestíssimo, mas este romeno é tão extraordinariamente habilidoso que é vantagem para a firma Wildmann mantê-lo, apesar de suas malandragens."

Impressionante era a mistura de povos nas obras de Siebenbürgen, onde havia algumas peculiaridades. A maioria dos carpinteiros era composta de "Landler" ("gente do país") que são ex-ausurtriacos que há 200 anos emigraram para Siebenbürgen (perseguição a não-católicos), mas não encontraram terra suficiente para agricultura. Os homens eram artesãos, sendo que os "Landler" se apresentavam nas obras sempre em grupos organizados. Os armadores de concreto, que trabalham com ferro, na sua maioria eram ciganos, também organizados em grupos. Geralmente os saxões e húngaros compunham os pedreiros e nos serventes a maioria era de romenos. Era então preciso saber falar as três línguas da terra, para poder lidar com o pessoal.

Neste meu tempo em Petrochen tinha uma namorada romena, a Gabi. Ela era professora de Ginástica, criada em Bukarest e por isto desabituada às montanhas. A localidade de Petrochen situa-se na Transilvânia ocidental, pouco distante da antiga fronteira entre Hungria e Romênia. Fizemos uma excursão para aquela região que fora fronteira e percebemos uma estrada aparentemente fora de uso, coberta de mato. Estávamos perdidos, e ao encontrar um pastor romeno, já de meia idade, com seu rebanho de ovelhas, lhe perguntamos como é que neste fim de mundo poderia existir uma estrada. Sua resposta foi: "A parte de cá da estrada foi feita pelos nossos, aquela além da fronteira, pelo exército romeno." Furiosa, a romena Gabi avançou sobre ele: "Como pode dizer os nossos (ai nostri)" etc. Esta cena, para mim divertida, se explica pelo fato do pastor ter sido, durante a 1ª guerra mundial um soldado do exército imperial e real (k.u.k.)

Também ensinei à Gabi o esquí e, graças a Deus, incluí nas instruções que, se estivermos numa avalanche de neve, é preciso imediatamente soltar os esquis. Numa excursão de primavera, atravessamos uma encosta que, supunha eu erradamente, tinha inclinação bem suave sem perigo de avalanches mas, de repente, causado pela nossa presença, soltou-se a camada de neve em que nos encontrávamos. Consegui, de última hora, sair da avalanche desviando-me lateralmente, mas Gabi acabou sendo arrastada pela neve em movimento, descendo uma encosta rasa por mais de 1 km, até finalmente conseguir agarrar-se a um arbusto. Começou a anoitecer e meti os pés pelo caminho encharcado do rastro do movimento da neve. Já de longe consegui ver a Gabi, fazendo exercícios com os braços para se aquecer. O que teria acontecido se ela não tivesse desatarraxado os esquis pudemos verificar só três semanas depois, na excursão seguinte. Aí a enorme montanha de neve que tinha se acumulado numa depressão, pouco abaixo do local em que Gabi parou, já tinha derretido e lá estavam os esquis dela, bem no local mais fundo.

Infelizmente minha separação de Gabi não foi pacífica. Claro que o fato de pertencermos a povos diferentes teve um papel neste episódio. Ela me disse: "Então vá casar com uma besta vaca alemã". A "vaca *germana*" à qual se referia em romance, acabou sendo a Ilse.

De tempos em tempos também ia para casa em Kronstadt. Uma destas viagens fiz coincidir com as eleições que estavam sendo realizadas para renovar o parlamento. Após as eleições encontrei um conhecido que me perguntou:

"Quantas vezes você votou?"

"Uma vez, é claro".

"Eu, tres vezes".

"Como?"

"Se, ao passar pelo controle, você mostrar sob o forro do paletó um número 1, que é o número da lista do governo, você pode entrar quantas vezes quiser." Portanto a eleição era uma farsa. Nunca na minha vida pude participar de uma eleição justa, democrática e livre: na Alemanha eu não tinha a cidadania e, mais tarde, no Brasil a eleição não era livre, mas obrigatória. Se não votasse haveria desconto no meu salário.